LITERATURA INFANTIL ANTIRRACISTA.

MARCIA PAES LANDIM

Esse artigo tem como objetivo indicar a desigualdade humana dentro do contexto da Literatura Infantil, nas diferentes estórias, ilustrações e conteúdo. Destacar a importância de incluir culturas diferentes na rotina da vida educacional, diversidades, perceber as diferenças raciais e as igualdades humanas e de direitos, o respeito e importância dos seres humanos independente de origem, raça, gênero, condição social.

A literatura infantil como instrumento para uma educação igualitária, crítica, justa e democrática trabalhada de maneira natural e seus efeitos ao longo da vida educacional e social.

Entender como Literatura Infantil Igualitária, aquela que aborda em seus temas, culturas diferentes, costumes, crenças na história e geografia mundial.

Em suma, esse artigo pretende que a educação literária seja trabalhada com olhares que entendam a diversidade com os devidos direitos e respeito para contribuir no desenvolvimento de pessoas críticas e conscientes do seu lugar, nos diferentes meios sociais, no mundo. Entender a educação realmente deve igual ser e global.

INTRODUÇÃO

O Artigo 3º da Constituição Federal Brasileira, diz o seguinte;

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Só haverá uma educação antirracista se ela for inclusiva em todos os níveis, para promover o pertencimento a outros grupos sociais.

"Esse ato de fala, de "erguer a voz", não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta." BELL HOOKS

Perceber a Literatura Infantil acessível ao longo do tempo, nas ofertas midiáticas e imposição de padrões é, no mínimo, exclusiva e cruel, opressora e segregadora.

A educação tem uma importância primordial na política de inclusão social e iniciar planos de trabalho e abordagens inclusivas exige um olhar crítico e realista, é necessário entender a história de desigualdade e suas reparações necessárias, nada mais significativo do que iniciar o processo educacional igualitário no ensino infantil através da literatura e uma seleção de conteúdos justos, que abordem diferenças humanas e culturais.

Literatura Infantil Antirracista.

Ainda é bastante evidente e constrangedor falar de igualdade social ao

pensar que crianças crescem e são educadas basicamente com referências brancas, reproduzindo costumes e culturas padronizadas por modelos que não fazem parte do nosso universo real.

Os modelos são contraditórios, temos uma mídia, que ressalta exemplos de perfeição que não condizem com a realidade, onde heróis, princesas, ídolos e diversos personagens que ocupam lugares de destaque são figuras, geralmente valorizadas e não fazem parte daquilo que realmente torna as pessoas humanas, as diferenças.

Apesar de hoje já existir literaturas infantis que ofereçam oportunidade de conhecimento as verdadeiras histórias, aos contos de fadas que colocam em evidências heróis, príncipes e princesas reais, sem padronizações, a oferta é injusta e será necessário longos anos, talvez séculos de trabalho para se alcançar um tempo em que não sejam mais necessárias as políticas de reparações.

É preciso uma batalha enorme para quebrar padrões de referências enraizados ao longo de séculos de história.

Conforme Freire (2011, pág. 41) "ensinar exige o reconhecimento da assunção da identidade cultural", esse reconhecimento precisa ser reforçado através de recursos, dentre eles, o literário desde o ensino infantil.

Proporcionar desde a primeira infância o acesso a acervos literários que reproduzam a igualdade humana em todos os contextos faz valer e acreditar que ao longo do tempo, as injustiças causadas por comportamentos e pensamentos irão diminuir, até chegar o dia em que ser preconceituoso é que segregará a pessoa.

A literatura infantil afro-brasileira e indígena são determinantes para que de maneira saudável e corriqueira se valorize os papéis nos meios sociais e culturais do Brasil, permite uma educação real, uma compreensão e valorização da história ancestral do país. A conscientização sobre os direitos iguais em difundir religiões, mercado de trabalho com colocações e salários justos. Existem diversos escritores brasileiros, criativos, alguns independentes que escrevem obras afro-brasileiras e indígenas que trazem em seu contexto a oportunidade de conhecimento aos antepassados e principalmente as culturas que remetem a verdadeira identidade da população brasileira de maneira lúdica e saudável.

Conviver para entender e desmistificar só é possível através de recursos educacionais, dentre eles a literatura infantil, não só os paradidáticos, livros de estórias, contos de fadas e ficções, mas, os didáticos, que permitem a apropriação da história geográfica, da arte, religiosidade e as diversas culturas que temos enraizadas, mas, não compreendidas como legítimas.

A literatura infantil que enfatiza a cultura afro e indígena, permite que a criança tenha contato com suas reais referencias, relações de equidade dentro de todos os meios sociais. As literaturas afro e indígena permitem que de maneira natural se compreenda expressões comuns como parte da história e de uma cultura trazida e difundida, que o tempo deveria ter ratificado e mostrado a importância e necessidade de uma sociedade igualitária e inclusiva, sem preconceitos. Ler para

sair da escuridão que é o que permite as individualidades e ao mesmo tempo conscientizar-se quanto a reflexão sobre igualdade de direitos.

Educar pessoas críticas, com visão clara sobre sua história, tudo isso pode ser proporcionado através da inserção a uma leitura saudável e inclusiva.

Anos de políticas radicais que hierarquizam, padronizam e embranquecem modelos de pessoas que ocupam lugares considerados privilegiados, nos meios sociais, mercado de trabalho e de direitos, tudo requer um trabalho constante e intensivo para enfraquecer até o ponto de eliminar por completo esse tipo de ideologia, facilitar o acesso a uma leitura real e inclusiva é determinante para isso.

A criança tem como característica de seu desenvolvimento a reprodução de formas de viver e enxergar o mundo, isso reforça a responsabilidade do educador naquilo que propicia que facilita o acesso. Ser e proporcionar exemplos torna o percurso em direção a aprendizagem leve e determinante.

A literatura infantil afro e indígena traz uma educação onde, o respeito às diferenças, as políticas de reparação histórica, tudo que enfatize a igualdade racial e seja compreendida de maneira natural. A literatura afro e indígena ressalta a contribuição histórica e importância da população nos contextos sociais, expressões, religião, mercado de trabalho e possibilita que ao longo do tempo, as reparações, necessárias hoje, tragam essa igualdade até que o preconceito e a injustiça racial fiquem distante e permita uma convivência harmônica, igualitária e natural.

Falar sobre cultura antirracista, despertar na criança o comportamento que respeite as igualdades é necessário que se tenha consciência de que além da herança ancestral, existe uma vivência atual e real onde, tanto os afrodescendentes, quanto os indígenas lutam para que a cultura permaneça e que fazem parte da nossa rotina diária, nas religiões que se fundem em costumes, músicas e crenças, alimentação, objetos do dia a dia, vestimentas, acessórios, falas e muito mais fatores que são reproduzidos sem imaginar suas origens.

É inadmissível que se fale em culturas diversas citando como se fizessem apenas parte de um passado longínquo, a humanidade existe, as histórias são reais e permanecem vivas e a educação literária é importante e decisiva para o crescimento saudável do ser humano.

Trabalhar culturas diversas desencadeia muitos questionamentos, já que a grande maioria brasileira cresceu acreditando que costumes, culturas, religiões de matriz europeia ou norte americanas são as que realmente merecem credibilidade e tendem, por questões discriminatórias, acreditar que termos, costumes, religiões de matrizes indígenas ou afro, não são louváveis, muito menos merecem ser respeitadas, e quando se fala em literatura africana, é impossível abordar sem deparmos com o que de fato está arraigado em grande parte da população brasileira. É necessário desmistificar, trocar ideias, conhecer histórias, ouvir relatos que possibilitem trocas, identificações e sentimentos, desperte a criticidade de maneira positiva. A Atriz, narradora de histórias, professora e orientadora SILVANI MORE-

NO tem como base de trabalho difundir as culturas ancestrais indígena e africana, Moreno relata sua história enquanto pessoa preta e periférica, as experiências com seu contato com a literatura, contos de fadas, onde as mulheres eram de aparência estereotipada e que de maneira alguma representa ou valoriza a pessoa preta, histórias que ao mesmo tempo, enfatizam uma cultura totalmente alheia a nossa realidade, aliena e reprime. Silvani Moreno faz um trabalho muito rico que proporciona aos alunos da escola pública o acesso as verdadeiras histórias de representações onde os personagens, os heróis são reais, identificam e valorizam. É necessário dispor, proporcionar as crianças que os auxiliem numa reflexão crítica, que façam crescer de maneira saudável, livre de estereótipos, com diversidade e respeito, onde as princesas, fadas, heróis entrem de verdade no mundo da fantasia, transformando, enriquecendo, e tornando a infância feliz, segura e verdadeiramente crítica.

Autores e educadores indígenas permitem a permanência e fortalecem a luta para que as novas gerações perpetuem sua verdadeira história e cultura antepassada de hábitos e costumes, trazem uma identificação e a compreensão das reais heranças e origens brasileiras.

As políticas públicas de investimento em conhecimento, materiais e formação para os profissionais também é determinante para que as questões antirracistas saiam da teoria e partam para a realidade.

Conviver com as diferenças, conhecer a verdadeira história, crescer consciente, crítico e solidário, esse é o resultado de sucesso de um trabalho de acesso a verdadeira história ancestral.

Experimentar, vivenciar, participar ativamente das aulas literárias, todo esse contexto é de suma importância para um crescimento intelectual e social saudável, acreditando na igualdade de direitos e respeitando as diferenças étnicas e sociais.

A Professora Fabiana Abraão de sala de leitura de uma EMEF em São Paulo, relata suas experiências ao proporcionar estórias infantis de matriz africana dentro da sala de aula. Abraão exemplificou um o livro que possui várias estórias, contos, lendas originárias da cultura africana e que passaram a fazer parte da nossa cultura desde a vinda dos africanos para o Brasil e sua história de escravidão.

Esse livro é muito rico e possibilita uma vivência, apesar de fictícia, uma análise sobre o ser humano e a gênese, sobre o quanto somos iguais e o quanto as questões geográficas só nos torna diferentes na aparência. Toda vez que me disponho a pesquisar, conhecer, pesquisar materiais e proporcionar aos alunos essa experiência, sinto que possibilita abrir mais um elo da algema que nos aprisiona ao racismo, precisamos dessa liberdade para crescermos.

A criança quando experimenta esse tipo de educação literária simplifica a convivência com o diferente e que o preconceito é adquirido com a falta de conhecimento, a pouca vivência, a falta de acesso e políticas públicas que proporcione essa vivência teórica condizente com a realidade.

CONCLUSÃO

A literatura africana, nos proporciona uma imensa e diversa oportunidade de conhecer a história, os ancestrais, trocar experiências e sentimentos, desmistificar valores que separam pessoas, tendem a diminuir.

Essa vivência torna a educação infantil livre de estereótipos e preconceitos e forma cidadãos conscientes de seus direitos, que se identifique nos meios sociais, que se identifique como diferente, mas, participativo e presente em qualquer ambiente.

Há que se ter o dia em que a consciência humana seja real, que ter uma sociedade mais justa não seja somente utopia e que, ser justo, solidário, empático seja uma regra geral e natural, um dos passos para essa caminhada é uma literatura real e verdadeira, que aborda histórias, lendas, contos de fadas respeitando e unificando as diferenças, não é sonho impossível, pode e deve ser colocado em prática.

Bibliografia

Carta Capital – Por uma Educação antirracista. <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/por-uma-educacao-antirracista/> acessado em 20 de Fevereiro de 2022 às 20h039min.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra, 1998.

Planalto – Art. 3, da Constituição Federal de 88. < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > acessado em 20 de Fevereiro de 2022 às 20h07min.

Portal Galedés – Por uma Educação antirracista. < https://www.geledes.org.br/por-umaeducacao-antirracista/> acessado em 20 de Fevereiro de 2022 às 20h043min.

Figura 1



Imagem de obra “Um Sonho que não Parecia Sonho

(Daniel Munduruku, 2019)